

DESDOBRAMENTOS DA PASSAGEM DO MONGE JOÃO MARIA DE AGOSTINI NO SUL DO BRASIL: O “CLUBE DO SANTO MONGE” E “SEITA” DE VERÍSSIMO JOSÉ DA MAIA

PINTO, MARIA ELOIZA LOPES¹; ESPIG, MÁRCIA JANETE²

¹ Graduanda em Licenciatura plena em História pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: elolopes91@gmail.com;

² Professora da Universidade Federal de Pelotas, Departamento em História e do Programa de Pós-Graduação da História. E-mail: marcia.espig@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa mostrar o trabalho que desenvolvi na pesquisa denominada "*Caminhos do Monge*: a história da devoção popular no planalto meridional do Brasil (Séculos XIX e XX)". Este foi um Projeto de Pesquisa Científica vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas e financiado por esta instituição (PBIP/UFPEL).

A proposta do projeto é compreender os primeiros desdobramentos da trajetória de João Maria de Agostini, após sua passagem no sul do Brasil (1852). Este projeto conta com a colaboração do historiador Alexandre de Oliveira Karsbur, bolsista Docifix FAPERGS/CAPES, está vinculado com o Programa de Pós-Graduação da História e financiado pela FAPERGS,

Em meados do século XIX chega ao Brasil um monge italiano chamado João Maria de Agostini. Como nos alerta Nilson Thomé, Agostini é identificado de diversas maneiras na historiografia devido às intervenções de suas passagens pelo território brasileiro. Foi conhecido pela população como “Monge do Botucaraí”, “Monge do Campestre”, ou “Monge da Candelária”, no interior de São Paulo e Paraná foi conhecido como “Monge do Ipanema” ou “Monge da Lapa”. Já em Santa Catarina, foi identificado simplesmente como “Monge João Maria” ou como “Monge João Maria de Agostinho” (THOMÉ, 1949).

De um modo geral, coincidem nas narrativas de que era um homem piedoso, penitente, que levava uma vida muito austera, alimentava-se de frutas e de dádivas dos moradores e servia-se de água cristalina da fonte que brotava no paredão. Entoava salmos, cantava, fazia orações em voz alta e costumava assistir missa na capela da fábrica (THOMÉ, 1949, p.29).

O objetivo geral desta pesquisa é contribuir para reconstrução do processo histórico de devoção ao monge João Maria no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Os objetivos específicos a serem alcançados nesta pesquisa são:

- Analisar as práticas religiosas populares inspiradas nos ensinamentos do monge italiano João Maria de Agostini no interior do Rio Grande do Sul, entre 1855 e 1876;

- Avaliar qual foi a reação das autoridades diante destas duas fraternidades que se organizaram paralelamente ao poder da Igreja e do Estado;

- Estudar a situação da Igreja Católica no Rio Grande do Sul da segunda metade do século XIX com o intuito de elucidar os motivos do aparecimento de devoção populares sem a mediação institucional.

- Resgatar os locais onde ainda se preservam a memória do monge italiano e deste, modo contribuir para a patrimonialização da vida de Agostini. Esses

objetivos estão listados no plano de trabalho no qual me guio para realização das atividades.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para compreender o processo de crença no *Monge João Maria*, existente no território conhecido como planalto meridional brasileiro, é o "recorte horizontal", ou seja, contextualizar a fonte dentro de um lugar social, pois ela é influenciada por um momento histórico. Privilegiamos os documentos de pessoas que foram contemporâneas às manifestações dos devotos do *monge Agostini*, independentemente de terem sido produzidos à época ou posteriormente.

A leitura pertinente ao tema foi a primeira das tarefas indicadas. Algumas obras foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. A começar pela obra de Paulo Pinheiro Machado, intitulada *Lideranças do Contestado*. Outra contribuição importante foi a tese defendida por Alexandre Karsburg em 2012. Em *O Eremita do Novo Mundo*, Karsburg traça a trajetória do *Monge João Maria de Agostini*¹ no continente americano, em meados do século XIX. No livro organizado por Sidney Chalhoub, Vera Regina Beltrão Marques, Gabriela dos Reis Sampaio e Carlos Roberto Galvão Sobrinho busquei compreender as distintas práticas de curas no Brasil do século XVII até o início do século XX.

Realizamos a análise de documentos no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. No Arquivo Público tive acesso ao processo-crime aberto pelas autoridades para investigar o "Clube do Santo Monge", que ocorreu na cidade de Triunfo, no ano de 1855. No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul tive acesso aos documentos dos governantes de 1877, que se referiam à "seita" de Veríssimo José da Maia.

O trabalho de análise destes arquivos foram problematizados e contextualizados, ou seja, "por que", "quando" e "por quem" foram feitos os registros. Esta avaliação é muito importante, visto que estes documentos foram produzidos no "calor dos acontecimentos" e tinham por objetivo responder a determinadas questões que não se ligavam aos interesses dos seguidores de Agostini.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os documentos, que tratam do processo-crime do "Clube do Santo Monge", houve uma atuação das autoridades locais para reprimir as "seitas" de devoção ao monge João Maria de Agostini. Essa repressão está associada ao processo de cristianização da América Latina. Segundo Duglas Teixeira Monteiro (1997), aqui o processo de expansão do cristianismo esteve regularmente associado à instauração de um poder local sobre as populações submetidas².

Os estudos dos documentos nos mostram que muitos foram os homens e mulheres que acreditaram no poder de cura do monge João Maria de Agostini. E,

¹ Outras obras também se preocuparam em relatar a vida de Agostini. Como alguns exemplos temos o livro de Antônio Francisco Gaspar chamado *O Monge de Ipanema de 1945* e o livro de Oswaldo Rodrigues Cabral denominado *A campanha do Contestado* e publicado em 1979.

² Duglas sugere a expressão "cristandade colonial" para se referir a um processo de submissão das classes inferiores, que possuíam um caráter subversivo. Esta característica se estendeu aos momentos históricos de libertação política e seguiram presentes nas estruturas sociais e econômicas opressivas (1997, p.41)

de acordo com Karsburg (2012), a busca pela cura e o processo de devoção ao eremita não partiu apenas das classes mais pobres, mas de qualquer pessoa, independente de sua classe social. A mesma análise é feita quando nos referimos à seita de Veríssimo da Maia. O curandeiro³, inspirado pelos ensinamentos de João Maria de Agostini, recebeu apoio e proteção de pessoas influentes, como um vereador de Cachoeira do Sul.

As “águas santas”, que geraram aglomerações de pessoas no ano de 1848 no interior do Rio Grande do Sul, eram procuradas para curar diversos tipos de enfermidades. Tanto João Maria de Agostini quanto Veríssimo da Maia, foram considerados charlatães pelas autoridades, induzindo a um mundo de curas que era desacreditado pelo saber científico. Contudo, há um aspecto social que devemos destacar. Pois no início do século XX, havia um “ingrediente indispensável de poções como a água da Inglaterra ou água inglesa, que atravessou século sendo empregada como remédio para quase todas as enfermidades” (CHALHOUB et al. (org.), 2003, p.199). Estas águas eram usadas, sobretudo na cidade, e nunca tiveram seus princípios curativos analisados.

O povo não acreditava na medicina tradicional. O diagnóstico que os médicos forneciam não era aceito pela população, pois estava muito distante da sua realidade. Diante disso procuravam outras práticas curativas. No entanto, no século XIX, como bem nos elucidam Karsburg (2012, p. 74):

os médicos acadêmicos buscavam ter o exclusivo direito no exercício da arte de curar, estando, portanto, em plena campanha contra práticos e curandeiros, lutando contra estes agentes e esperando que o Estado os auxiliasse nesse combate.

Paralelo à passagem de Veríssimo da Maia, está ocorrendo um episódio na cidade de Sapiranga conhecido como “Os Mucker”⁴. As autoridades locais começaram a confundir o curandeiro com os seguidores de Jacobina Maurer, líder do movimento.

Segundo a historiografia há pelo menos três monges, como destaca Karsburg, (2012):

[...] o primeiro deles, o *monge* italiano João Maria de Agostini, peregrino que esteve no Brasil em meados do século XIX; o segundo, inspirado no anterior, aumentou o prestígio do nome, ficando conhecido como *monge* João Maria de Jesus, atuante em todo planalto meridional brasileiro entre 1893 e 1906; e um terceiro, denominado José Maria de Santo Agostinho, sendo o único dos *monges* a ter realmente participado da Guerra do Contestado (p. 12)

Diante disso viu-se a necessidade de estudar autores que fizeram estudos acerca da guerra do Contestado⁵, pois a passagem do primeiro monge pelo Sul do Brasil foi fundamental para a construção dos dois outros monges e da

³ Exerciam a arte de curar através das rezas, benzeduras, plantas ou feitiçarias (THOMÉ, 1949, p. 21).

⁴ “Os Mucker” foi um dos movimentos messiânicos mais importantes da América Latina (THOMÉ, 1949, p. 47). O evento ocorreu entre 1872 e 1874 em uma colônia de protestantes alemães. As forças policiais liquidaram com a comunidade protestante e exterminaram todos os focos de resistência (THOMÉ, 1949).

⁵ O Contestado ou Guerra do Contestado foi um conflito que ocorreu no meio oeste, no planalto central e no norte do Estado de Santa Catarina entre os anos de 1912 e 1916. Uma disputa de caráter político e religioso envolvendo a população sertaneja local contra as forças militares. A área do conflito recebe este nome pois na época do evento se encontrava em litígio envolvendo os estados de Paraná e Santa Catarina.

identidade dos sertanejos do Contestado. Os devotos de Agostini passaram a reproduzir seus ensinamentos e seu comportamento enquanto aguardavam seu retorno.

4. CONCLUSÕES

Os dois eventos estudados neste projeto que apresento são inéditos para a historiografia brasileira. A formação dessas comunidades autônomas ao poder eclesiásticos, da Igreja e do Estado são um dos exemplos mais claros dos desdobramentos da passagem de João Maria de Agostini no sul do país. Dentro dessas “seitas” homens e mulheres reproduziram e ressignificaram os ensinamentos do monge. A cultura da devoção e as práticas de cura prescindiam do clero e das irmandades administradas pelos detentores do poder.

Houve um desequilíbrio das estruturas de poder, já que o verdadeiro e o falso são discursos socialmente construídos. A partir do momento em que a população sertaneja cria certa autonomia em relação ao processo de cura e desacreditam no conhecimento da medicina acadêmica passam a assustar e incomodar tanto a Igreja como o Estado. A polícia, então, investiga e reprime o surgimento destas “seitas”.

Para as pessoas, esta maneira de entrar em contato com o sagrado era uma forma de libertação social, cultural e política em resposta à expansão do Estado que se fazia representar por um poder local cada vez mais repressivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHALHOUB et al. (org.). **Artes e ofício de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- ESPIG, Márcia Janete (Org.). **Notícias de uma Guerra Centenária: o Movimento do Contestado através do jornal A Federação (1912-1916)**. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis, Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 1995.
- GAY, João Pedro. **História da República Jesuítica do Paraguai, desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861**. 2ª. Edição anotada. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **O Eremita do Novo Mundo A trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)**. 2012. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social (a guerra sertaneja do Contestado - 1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **La Guerre Sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1957, Boletim n. 187.
- SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. **As Missões Orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre, ERUS, 1979 (1ª edição de 1909).
- THOMÉ, Nilson. **Os Iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado**. Florianópolis: Insular, 1999.